



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15068 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GT 04 - Didática

**ESTUDO DO MEIO PARA PEDAGOGOS: A EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA VIVA E SIGNIFICATIVA.**

Diogo Pereira das Neves Souza Lima - UnB - Universidade de Brasília  
Maria Lidia Bueno Fernandes - UnB - Universidade de Brasília

**ESTUDO DO MEIO PARA PEDAGOGOS: A EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA VIVA E SIGNIFICATIVA.**

**Palavras-chave:** Educação, Geografia, Estudo do Meio, Pedagogia.

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa é fruto de vivências e reflexões desenvolvidas na disciplina Educação em Geografia, no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB. O objetivo desta pesquisa é analisar o exercício teórico-prático da disciplina a partir da Teoria do Estudo do Meio como proposta de prática pedagógica significativa. A abordagem do Estudo do Meio apresenta-se com relevante enfoque didático e metodológico para a atuação dos pedagogos no campo da geografia. Para nos guiar na construção desta pesquisa, nos ancoramos em Callai (2011) e Oliveira (2010) para as questões sobre o ensino da geografia e Lucas e Pontuschka (2009) e Fernandes e Fávero (2016) com suas considerações sobre o Estudo do Meio. A proposta metodológica é de investigação teórica exploratória acerca da disciplina geográfica e os fundamentos do Estudo do Meio, e de viés qualitativo e etnográfico durante a condução da disciplina Educação em Geografia, com a produção de informações por observação participante, posto que os estudantes realizavam as atividades propostas e refletiam sobre o (des)envolvimento da disciplina. Dessa forma, a dinâmica e a didática da disciplina contribuíram para o olhar mais crítico no processo formativo docente, podendo dialogar com as teorias, práticas, práxis e vivências dos sujeitos no processo de ensino aprendizagem.

## **DESENVOLVIMENTO**

Ao analisar a história do pensamento da geografia escolar, nota-se que a disciplina é associada a uma proposta exclusivamente descritiva e nas palavras de Lacoste (1988), enfadonha. Na sala de aula, ainda hoje, decorar nomes de capitais e bandeiras são consideradas atividades pedagógicas da disciplina. A mera descrição sem identificação, contextualização e produção de conhecimento espacial aparece como uma forma de mascarar a potência da geografia como disciplina de análise e mudança social.

As reflexões sobre o ensino de geografia ocupam grande parte das discussões sobre a disciplina nas últimas décadas. O questionamento sobre os caminhos da geografia, suas crises, seu objeto de pesquisa e suas propostas de intervenção são marcantes na renovação do pensamento geográfico (Oliveira, 2010; Moraes, 2010; Santos, 2010). O aporte marxista (ou marxiano) aponta a geografia como disciplina que questiona e organiza a luta de classes (Vesentini, 2010) e, também busca desvendar a intencionalidade do capital monopolista na era global (Santos, 2010). Há ainda a reflexão sobre a distância entre a disciplina das universidades e da sala de aula (Oliveira, 2010), pois enquanto nas universidades a dialética e a transformação da sociedade estão na pauta, nas escolas o ensino de geografia “científica” e supostamente “neutra” vem sendo ensinada de forma descontextualizada e apenas descritiva.

Callai (2011) chama atenção que nas séries iniciais a geografia se dedica a leitura do mundo, da vida e do espaço vivido, assim como o processo de alfabetização cartográfica, que objetiva capacitar as crianças a interpretar uma imagem que representa o espaço, seus símbolos e linguagens. Contudo, a leitura do mundo vai muito além da leitura de mapas, pois envolve compreender que a paisagem, o território e a região são frutos da vida social e da interação de diferentes atores sociais humanos e não humanos. Lembrando Paulo Freire (1989) que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, e é também anterior à alfabetização cartográfica. Ao alfabetizar espacialmente, se amplia e complexifica a compreensão do espaço vivido, da leitura do mundo, considerando que aprender geografia contribui para compreender mais e melhor o próprio mundo (Callai, 2011). Portanto, pensar o espaço é localizar-se no mundo e assim, refletir sobre ele, é saber onde se está, onde estamos e onde queremos e devemos ir, sendo assim, apresenta-se como potência para a reflexão e futura transformação social.

## **O ESTUDO DO MEIO**

A disciplina Educação em Geografia deve contribuir para (re)elaborar a noção do espaço na vida cotidiana e a ação dos sujeitos no espaço. O Estudo do Meio se apresenta como um metodologia de ensino e aprendizagem, interdisciplinar e interativo que estuda um meio, seja na cidade ou no campo. “Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos”. (Lucas; Pontuschka, 2009, p. 174)”.

O interesse é construir um processo de ensino aprendizagem significativo, por isso é fundamental saber onde os estudantes vivem e quais são suas origens, por onde passaram, por onde transitam e pela concepção freiriana, partir sempre da realidade dos sujeitos. O Estudo do Meio é um processo contínuo de abordar a totalidade e enxergar suas contradições, readequando a dinâmica conforme o grupo e suas origens, de forma participativa e autoral, tendo os estudantes como sujeitos do processo de ensino aprendizagem. Essa metodologia,

(...) propõe a leitura e a escrita da espacialidade a partir de relações horizontais, aciona o conhecimento prévio dos educandos, fomenta a participação ativa no processo de pesquisa, provoca novos questionamentos e indagações sobre a realidade (Santana e Fernandes, 2021, p. 09).

Dessa forma, o Estudo do Meio na perspectiva da geografia crítica articula diferentes tipos de conhecimento, partindo da realidade e da vivência dos estudantes e futuros pedagogos, que tem uma formação generalista, e contribui para os estudos sobre as contradições sócioespaciais, sobre as causas da desigualdade, sobre os problemas ambientais, assim como resgata a relação dos estudantes com seu espaço cotidiano e por onde transitam. O Estudo do Meio como estratégia teórico metodológica que articula diferentes conhecimentos, permite a construção de sentido para o educador em formação (Fernandes e Fávero, 2016).

A produção de conhecimento coletivo não fica restrita à produção acadêmica de textos, descrição das localidades em que se vive, na qual transita, ou na mera definição de conceitos. A aproximação didático pedagógica dos conceitos de lugar, região e território, abordados, trabalhados e registrados de diferentes formas e ancoradas nos saberes, vivências e experiências dos educandos (Fernandes e Fávero, 2016). Assim, assume-se que “é importante atentar para as oportunidades proporcionadas pelos roteiros de observação para fotografias, filmagens, e, por que não, para a inspiração artística na forma de poemas, músicas e desenhos.” (Lucas e Pontuschka, 2009, p. 187).

O Estudo do Meio é coerente com o proposto já que tem como base investigar e interagir com o ambiente físico, social e cultural descobrindo a partir da natureza, das comunidades locais, do patrimônio cultural e de espaços do campo e da cidade as dinâmicas sociais, as contradições e o modo de produção, tendo como base a observação e a experiência como alicerce ao processo educativo (Fernandes, 2016). Assim, recorre-se ao Estudo do Meio como uma abordagem para proporcionar aos estudantes da graduação metodologias que promovam a ação e reflexão permanente do graduando, a partir das experiências em suas localidades de origem ou de moradia e por onde transitam. Isso faz com que os estudantes, através das suas vivências e saberes, possam perceber e tomar consciência sobre a espacialidade humana incorporando o sentido da disciplina, podendo transformar a prática usual dos conhecimentos geográficos em saberes para a sala de aula junto aos estudantes (Paganelli, 1992).

Cantado em verso e prosa, o Distrito Federal tem seu espaço demarcado por quatro linhas e nosso quadrilátero é carinhosamente chamado de “quadrado”. Estudar e vivenciar essa cidade pode dar sentido ao trabalho do pedagogo unindo teoria e prática, na práxis. O quadrado da sala de aula é um recorte do universo que cada ser traz consigo e que inevitavelmente, também é o habitar de muitos lugares do mundo; ao mesmo tempo em que extrapola suas delimitações e é levado para o mundo com cada um que por ali passa, e assim, a disciplina atua no processo dialógico entre prática/teoria em que o cotidiano é (re)feito e seus sujeitos notadamente são seres atuantes *nos* (espaços) e *através* de seus espaços.

## CONCLUSÕES

A renovação da geografia no século passado, como disciplina social e que consubstancia a intervenção na sociedade reflete no papel que a escola representa na transformação social, como locus comunitário de ação e reflexão dos problemas da comunidade escolar. A constante reflexão sobre os problemas enfrentados pelos estudantes como de transporte, segurança, saneamento básico em suas localidades demonstra a potência de uma geografia crítica e reflexiva e que seja contra a alienação. A incorporação de um ensino dialético e reflexivo é o que permite que a disciplina recupere uma visão de totalidade que foi perdida pelo positivismo e pelo neopositivismo (Oliveira, 2010). É a partir deste caminho que o educador que trabalha com a geografia incorpora através da crítica à produção e à reprodução de uma ciência viva. Em que o educador não só se envolva com os estudantes e seus problemas sociais e comunitários, mas com os conteúdos a serem trocados. Destarte, além de proporcionar a construção de um currículo mais significativo para o aluno, pode colaborar para a construção de uma nova profissionalidade docente, na qual, reconhecendo a possibilidade de autonomia das unidades escolares, insere-os em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho. A disciplina Educação em Geografia aproximou os conhecimentos teóricos que estão sendo reunidos e corrobora para a construção de novos saberes atentos à sociedade, às comunidades onde as escolas estão inseridas, permitindo que o aprofundamento científico e acadêmico que a universidade deve buscar, esteja comprometido com aprendizados junto aos diversos sujeitos materiais e possibilite novas reflexões mais significativas e comprometidas para ouvir, ver e compreender as geografias que transitam pelo mundo.

## 3 - REFERÊNCIAS

- CALLAI, H. C.. A Geografia é ensinada nas séries iniciais? In: TONINI, Ivaine Maria (Org.). **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. POA: UFRGS, 2011.
- FERNANDES, M. L. B. O estudo do meio na formação do pedagogo: ou, por uma geografia que invada a sala de aula. In: CARLOS, Lúcia Cardoso (Org.). **Ciências Humanas no Ensino Fundamental: reflexões, iniciativas e propostas**. Pelotas: UFPel, 2016.
- FERNANDES, M. L. B. e FÁVERO, A. Cotidiano, sujeitos e territórios nos anos iniciais da escolarização. **Rev. Brasileira Edu. em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, 2016

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23° Ed. SP: Autores Associados: Cortez, 1989.
- LACOSTE, Y. **A geografia, isto serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Trad. Maria França. Campinas: Papyrus, 1988.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Revista Geografia (Londrina)** v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- OLIVEIRA, A. U. Situação e tendências da Geografia. In: OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** 9° ed. São Paulo,: Contexto, 2010.
- PAGANELLI, T. I. Iniciação às Ciências Sociais: os grupos, os espaços, os tempos. **Revista terra Livre**, São Paulo, n. 11-12, p. 225-236, ago. 1992 .
- SANTANA, Marina de; FERNANDES, Maria Lúcia. Vivências infantis nos territórios do Paranoá e Itapoã no Distrito Federal. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021.
- SANTOS, Douglas. Estado nacional e capital Monopolista. In: OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** . 9° ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- VESENTINI, J. Wi. Geografia Crítica e Ensino. In: OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** 9° edição. São Paulo: Contexto, 2010.